

## ***Centenário de Gerardo Mello Mourão***

***Márcio Catunda***

Meus caros amigos, é grande a alegria em recebê-los aqui, nesta noite em homenagem a esse grande poeta, e eu quero dizer inicialmente da responsabilidade que eu tenho de falar perante os senhores, que são meus pares, mas alguns sabem mais do que eu. Então, tenho que fazer um esforço para me superar um pouco e agradecer efusivamente ao meu amigo Fábio de Sousa Coutinho, Presidente desta instituição, Associação Nacional de Escritores, e especialmente ao nosso Anderson Braga Horta também, que contribuiu para me dar este desafio. E para desempenhar a encomenda, faço aqui um trocadilho: e honrar a comenda, prometo me esforçar ao máximo para falar a respeito deste poeta oracular e absoluto, polígrafo, erudito, generoso e simples, Gerardo Mello Mourão.

Conheci-o em Fortaleza, por meio de José Alcides Pinto, em 1981. Gerardo foi a Fortaleza e fez uma palestra. Depois, distribuiu os livros dele, eu ganhei de presente o *Rastro de Apolo* e *Peripécia de Gerardo*, dois livros importantes da sua obra poética.

Depois, em fevereiro de 1998, eu o entrevistei em seu apartamento em Copacabana, na Rua Tonelero, diante de uma biblioteca de 20 mil livros. Vi-o muitas vezes mais: eis que o vi uma vez de gravata borboleta, elegantíssimo, como aqui na foto do livro *A Saga de Gerardo: um Mello Mourão*, escrito por José Luís Lira, sobralense, da Academia Sobralense de Letras. É um livro muito interessante, do qual eu tirei algumas informações para falar para vocês hoje.

E também este ensaio que eu fiz, um ensaio incipiente ainda, que nasceu de uma entrevista que fiz com Gerardo e está neste livro, *Na Trilha dos Eleitos*, uma homenagem que faço aqui a ele e a José Alcides Pinto. E tem um segundo volume também de *Na Trilha dos Eleitos*, no qual eu falo também do Anderson, da poesia do Anderson e, entre outros autores também, do José

Hélder de Souza, que dizia que era meu primo, outra figura que, se aqui estivesse, estaríamos abraçando.

Bom, vamos ao tema Gerardo. Na ocasião em que estive com ele, numa das ocasiões muito interessantes, eu estava na companhia de José Alcides Pinto, Natalício Barroso, que é um poeta cearense, e com o poeta Edison Simões, que era um cara meio doido de quem o Gerardo gostava muito. Era um poeta panamenho, tradutor simultâneo de idiomas. Ganhava a vida com isso. E o Gerardo dizia: "*O Edison Simões sabe muita poesia!*". Ele falava assim, nesse tom, como os cantadores, menestréis, improvisadores e repentistas do Nordeste, que o influenciaram, porque na infância ele bebeu nessas fontes da poesia popular.

Então, eu ligava e perguntava: "*É o Gerardo?*" "*Tá falando!*", ele respondia assim. Ele tinha aqueles olhos agudos, brilhantes, atentos a tudo e esboçava um sorriso matreiro antes de contar alguma peripécia, com sua voz ritmada e vibrante, própria dos cantadores nordestinos.

Dona Léa, a segunda esposa, porque da primeira ele ficou viúvo, assistia a tudo com um olhar benevolente, escutando suas palavras vibrantes, demonstrando, com os olhos, os vidros, os objetos, as artes daquele apartamento lá na Tonelero.

Mas, antes, ele morara em outro domicílio, no grande apartamento na Avenida Atlântica, diante da Praia de Copacabana, com aquela vista maravilhosa, quando ele foi Presidente da Fundação Rio Arte. E Gerardo mostra a generosidade, a bondade dele. Na ocasião em que estive à frente da Rio Arte, auxiliou os amigos, como o Natalício Barroso Filho e o Carlos Emilio Corrêa Lima, que são escritores brilhantes do Ceará, a exemplo aqui do Edmilson Caminha Júnior, que é meu conterrâneo.

Gerardo conseguiu fazer amizades devido a seu carisma, a seu talento de poeta e sua liderança política. Ficou muito amigo do Brizola e do Darcy Ribeiro. Então, foi nomeado presidente da Fundação Rio Arte, que é uma instituição muito importante, que publicava, naqueles tempos das vacas gordas

que pastavam nas instituições culturais do Brasil, publicava revistas e até livros.

Que grande personalidade! Numa das ocasiões em que estive com ele e Natalício Barroso Filho, chegamos de surpresa na hora do jantar. Ele recebeu um prato de macarrão e disse assim: “*Não ofereço, porque só tem para mim!*” Esse era o Gerardo, uma pessoa autêntica, uma pessoa simples.

Gerardo ficcionista, contista, romancista, polígrafo, jornalista, tradutor, ensaísta, teólogo, biógrafo, hagiógrafo, porque escreveu a história de São Gerardo Magela, o santo patronímico dele. Era membro da Academia Brasileira de Filosofia, da Academia Brasileira de Arqueologia e do Conselho Nacional de Política Cultural do Ministério da Cultura do Brasil e co-fundador da Associação Nacional de Escritores.

Recebeu o Prêmio Mário de Andrade, da Associação Paulista de Críticos de Arte, em 1972; em 1993, o de *Doutor Honoris Causa* pela Universidade Federal do Ceará; em 1999, Prêmio Jabuti, pelo épico *Invenção do Mar*. Foi candidato à Academia Brasileira de Letras, chegou a ser indicado para o Prêmio Nobel de Literatura.

Obra imensa. Lerei aqui os livros mais significativos.

### **Livros**

*Três Pavanais*, são três poemas longos muito interessantes, datados de 1938; *O País dos Mourões*; *Dossiê da Destruição*; *Frei e Chile num Continente Ocupado*; *Peripécia de Gerardo*; *Rastro de Apolo*; *O Canto de Amor e Morte do Porta-estandarte Cristóvão Rilke* (tradução); *Pierro della Francesca ou as Vizinhas Chilenas: Contos*; *Os Peãs*.

*Os Peãs* reúne *Peripécia de Gerardo*, *Rastro de Apolo* e *O País dos Mourões*, é uma compilação.

*Valete de Espadas* (esse romance do Gerardo é um livro de 1986. É um livro muito *sui generis*, revolucionário, surrealista, com um enredo fragmentado, com muita poesia, porque tudo o que Gerardo escrevia tinha aquela densidade da metá

fora, muitas citações, por causa da erudição que ele tinha, uma formação clássica admirável).

*O Poema de Parmênides* (tradução); *Suzana, Elegia e Inventário*; *Cânion e Fuga*, tudo isso é poesia.

*Invenção do Mar*, que é um livro que ganhou o Prêmio Jabuti em 1999; *O Bêbado de Deus*, biografia de São Gerardo Magela (em homenagem a São Gerardo, a mãe dele, que o batizou, praticamente o induziu a ser padre).

Ele esteve num seminário e num convento durante seis anos. Recebeu aquela disciplina dos clérigos, nada hedonista.

*Um Senador de Pernambuco: Breve Memória de Antônio de Barros Carvalho* (que é sogro dele); *Os Olhos do Gato & Retoque Inacabado* (a respeito do Edison Simões, o seu amigo panamenho, poeta muito engraçado. No dia em que visitei o Gerardo, no período de carnaval, estava o Edison Simões, vestido de mulher e bebendo uma caipirinha. O Gerardo era um sujeito tão genial que cooperava com esse sujeito meio maluco, porque era um gênio da poesia. Ele sabia que ele era meio doido, mas era um doido manso e poderia frequentar a casa dele).

Nesse dia em que eu estava com José Alcides Pinto, o Natalício e o Edison Simões, ele leu um trecho inédito de *O Nome de Deus*, e eu filmei aquilo, mas depois perdi a fita nas minhas mudanças de cigano, nômade, pelo mundo afora.

*Algumas Partituras* é o penúltimo livro, que eu considero o mais interessante, porque já na maturidade total do poeta, em 2002, poucos anos antes de morrer, ele publica esse livro exuberante. O último livro se chama *O Nome de Deus*.

Aos 11 anos de idade, foi matriculado no Seminário São Clemente, dos padres redentoristas holandeses, em Congonhas do Campo, Minas Gerais. Dali foi encaminhado ao Convento da Glória, em Juiz de Fora.

Em *O Bêbado de Deus*, ele conta os milagres do santo alfaiate, que nasceu no séc. XVII, em Muro, em Nápoles, e foi seu modelo de virtude. Tal qual seu patronímico, ele também alistou-se na Ordem dos Redentoristas de Santo Afonso Liguori,

o magistrado napolitano, que pendurou a espada no altar da Virgem e fundou a Congregação do Santíssimo Redentor.

Mas Gerardo não se ordenou padre. Abandonou o convento em 1935 e voltou para o Rio, renunciando aos três votos de pobreza, castidade e obediência. Das três virtudes, ficou apenas a pobreza, entre aspas.

Naquele tempo, a poesia falou mais alto em sua vida. Ele não teve força para aguentar aquele sacrifício, aquela imolação diária: os castigos à consciência lhe ardiam mais que as punições por rebeldia.

Aos 17 anos, foi punido diante dos noviços pelo Pater Magister, com a seguinte ordem. *“Irmão, plante esta roseira no jardim, mas plante-a de cabeça para baixo, com as raízes para cima”*. Quando a roseira murchou, o Pater Magister bateu à porta da cela do Gerardo e disse: *“Irmão, hoje você está incumbido de regar as plantas do jardim”*. Gerardo abriu a janela, viu o temporal caindo e continuou mudo. Enfurecido, o Pater Magister gritou: *“Frater, aqui não se discute ordem nem se questiona”*. Gerardo caiu de joelhos, beijou o chão e foi regar o jardim debaixo da chuva.

Meses depois, no almoço dominical, o Pater Magister disse: *“Frater, o senhor é o hebdomadário desta semana. Então, o senhor vai pronunciar errado 3 palavras em latim”*.

Passou sete meses travando uma luta interior: sai, não sai, imaginando que estaria fechando as portas do céu para sua alma. O Padre Reitor afinal o liberou porque julgou que ele já havia sido provado por Deus longamente.

Ele estudou Direito na Faculdade Nacional, mas não concluiu o curso. Dedicou-se ao magistério e se envolveu na atividade política e social do País.

Soube combinar a influência dos ritmos populares com a erudição clássica que adquiriu através da leitura e do aprendizado de nove idiomas. Ele fazia questão de citar poemas, intertextualmente: versos em francês, em inglês, em latim, em grego. O discurso dele era caótico, de regras e rédeas soltas, às vezes reiterativo, com o uso de refrãos à maneira de Ezra Pound. A poesia do Gerardo é muito influenciada por Ezra

Pound. Ele mesmo não confessa diretamente isso, mas nota-se claramente.

Então, o texto ao serviço de sua polivalência estilística é como um mosaico intertextual em que não se escondem os excessos de erudição, encaixando-se cada citação em seu próprio contexto. E ele concilia, nas pulsações métricas variadas, o conceito de ideia e pensamento com imagens e metáforas no tratamento técnico da linguagem.

Foram os românticos brasileiros os primeiros poetas que leu, mas também ouviu os cantadores de feira e leu Baudelaire, Rimbaud, Holderlin, Leopardi, os gregos e os latinos.

Na juventude, no seminário, começou a traduzir Homero e Virgílio. Leu *A Divina Comédia* por deleite. “*Dante é a catedral da poesia do Ocidente. Catedral porque cabe tudo: a atualidade do contemporâneo e a perenidade do clássico*”. Também foi inveterado por São Jerônimo, Léon Bloy, Claudel e Valéry Larbaud.

Dizia o autor de *O Bêbado de Deus*, à maneira do grande redentorista que se dedicou à penitência total: “*Eu não persigo a fama. Eu persigo a glória e escrevo para chegar diante de Deus com minhas obras, na esperança de ser acolhido com minhas ideias. A maior felicidade a que o homem pode aspirar é ser santo*”.

Quando, em 1935, Gerardo desvestiu o hábito e chegou ao Rio de Janeiro em pleno Carnaval, foi maculado por todos os pecados mortais catalogados nas bulas católicas e bizantinas. “*Quem quiser que os imagine*”, dizia ele rindo.

Dedicou-se ao jornalismo e a dar aulas em colégio. Fundou, aos 23 anos, a chamada *Santa Hermandad de la Orquídea*, um pacto que ele fez com os argentinos Efraim Tomás Bó, Godofredo Iommi, Raul Young, e os brasileiros Abdias do Nascimento e Napoleão Lopes Filho, para que se correspondessem sempre e sempre se ajudassem mutuamente e fossem, portanto, cavaleiros da Senhora Poesia.

Gerardo Mello Mourão, poeta telúrico, se nutre de signos recolhidos da realidade histórica. Definia-se como aprendiz da solidão, aprendiz de sepulturas e ressurreições, da estirpe dos que tocam pelos bosques dos homens as músicas dos

deuses. “A poesia junta as palavras e os sons que compõem a magia de sua mensagem logicamente incompreensível, claros enigmas que se dão a conhecer na zona incontaminada do conhecimento intuitivo.” Isso ele diz da poesia.

A Sibila Déléfica, ao proferir certa vez um oráculo a um capitão de Atenas, foi por ele solicitada a interpretá-lo. Respondeu: “Apolo não ensina, Apolo revela”. Assim, a poesia. “Ela não ensina; ela apenas revela, e isso é tudo.” Palavras do próprio poeta.

Em *O País dos Mourões*, Gerardo Mello Mourão estabelece um paralelo entre a Grécia, seu ídolo Apolo, e sua Ipueiras. Canta a gênese brasileira a partir do Nordeste.

O *Capitão-Mor*, fundador do país dos Mourões, é um deus embriagado cosmogônico semelhante a Dionísio e Apolo. Despontam outras figuras lendárias, como o Padre Ignácio, mártir de Deus amarrado ao tronco de um juazeiro e castrado a faca de ponta. “Ironicamente, fora decepado o único falo que poupava as fêmeas da raça dos Mourões”. Também Alexandre Mourão, que procura o assassino do irmão até vingar-lhe a morte, como se procede em toda a sociedade primitiva e ainda hoje na primitiva sociedade moderna. Destaca-se ainda o perfil heroico do Padre Gonçalo Ignácio Loyola de Albuquerque Mello, chamado Mororó, que curava as almas, recitava de cor Horácio e Ovídio e que proclamou a República da Confederação do Equador e foi arcabuzado por não haver quem lhe quisesse enforcar.

*“Nasci tocando viola  
Sou Mourão das Ipueiras  
Dos Mello do pé-da-serra  
Reinador destas ribeiras  
Tanto canto em minha terra  
Como em terras estrangeiras.  
As cordas desta viola  
São meus pés e minha mão:  
No galope a beira-mar  
Nos oito pés em quadrão;  
Em martelo e gemedeira  
Em gabinete e mourão.”*

Em *Peripécia de Gerardo*, a exemplo de *Rastro de Apolo* e *O País dos Mourões*, destaca-se o símile entre as paisagens do Ceará e da Grécia. A peripécia do poeta é sua navegação na comovida viagem através da existência em busca da liberdade (Eleutheria), a musa presente em todos os campos, testemunha e guia de todos os seus passos.

Em *Rastro de Apolo*, o primeiro deus nascido de um deus e de uma mulher mortal, foi o primeiro que cultivou ao mesmo tempo o belo e o bem. É o arquétipo fundamental de sua poesia. *Rastro de Apolo* é uma biografia apolínea. Narra a vida do deus da poesia, que passou por diversas dificuldades desde o seu nascimento quando Leto, sua mãe, não tinha onde parir, porque tinha violado uma lei: tinha dormido com um deus e, por isso, a deusa de Júpiter não deixara à Leto nenhum lugar na terra onde pudesse parir. Só numa ilha flutuante, Delos, é que foi possível o nascimento do deus luminoso, o qual, já ao nascer, fixou a ilha. Depois, saiu no dorso de um delfim, saltou nas praias de Iction, e estabeleceu em Delos o culto de sua doutrina.

Para Menandro, é o refúgio de toda a humanidade, porque criou uma ideia, uma educação, ao contrário de Dionísio, para quem o belo se destinava apenas à fruição, ao hedonismo, o que não constrói nada. Apolo fundou a Grécia e a democracia, porque a Confederação ou Liga de Belos, que fundou a nação grega, no século V AC. ia ouvir os oráculos em Delfos.

Gerardo Mello Mourão nomeia-se filho de Calíope e diz que com Apolo aprendeu a tanger a cítara do amor. Segundo o escritor cubano Severo Sarduy, a estátua de Apolo canta na tumba ante as palavras que Gerardo derrama no seu rastro. E, ao buscar o rastro do deus de Delfos, Gerardo peregrina pelas verdes águas, entre bosques e mármore, pelos quatro cantos do mundo. Sua itinerância é a bússola de si mesmo, seu próprio ardil.

*Rastro de Apolo* é um testemunho de que os poetas são irmãos do deus que jorra o infinitivo dos intransitivos e ergue



das ondas deusas calipíguas. O próprio mito é filho da liberdade (Eleutheria) de onde vem a criatividade poética.

Celebrando o êxtase da vida, louva a beleza e a sensualidade da terra e da mulher a um só tempo: “... e as orquídeas abriam as vaginas lascivas/ e os lábios abertos e as narinas tersas/esse cheiro de cio ao vento sertanejo.”

O homem nordestino, de alpercatas nas estradas de poeira, transfigura-se no homem grego, que ouve a voz dos deuses e acredita em Deus através de superstições e promessas.

Disse José Alcides Pinto, em artigo publicado em jornal de Fortaleza:

*“O poeta eleito das musas, identificado com as lendas e o mito, as escritas antigas, o papiro e o pergaminho, escreve a história de Portugal, do Brasil e das Américas e traz a Grécia, com espantosa facilidade, para o Ceará, como se fosse um mágico”.*

*Invenção do Mar*, uma epopeia moderna, é uma metáfora da história, dos haveres e da identidade da nação brasileira. A crítica saudou o livro *Invenção do Mar* testemunhando que, a partir dele, a poesia de língua portuguesa se fundava em três nomes: Camões, Fernando Pessoa e Gerardo Mello Mourão. Epopeia brasileira, especialmente do litoral, onde nasceu o país, evoca a origem, o espaço e o tempo do Brasil.

Foi o chão das águas que levou Colombo e Cabral a percorrer os caminhos que dançam sobre o chão do abismo. Desbravar a selva das ondas do mar, pelos caminhos das Índias, em busca de Calicute, o Gama já se aventurara, marinheiros provando a têmpera na voz do mar, quando nos lustros dos quinhentos, tempo em que Paracelso descobre o hidrogênio e Erasmo escreve os Adágios, testemunha-se o nascimento da terra de Santa Cruz. Pedro Álvares Cabral toma conta da Terra Atlântica. “*No calvário da vela a cruz em sangue*”. Este verso resume o ideário imperial das navegações das potências portuguesas.

A ideia de um país inventado pelo mar está presente nas crônicas dos navegadores, como Pero Lopes de Sousa, ir

mão de Martim Afonso de Sousa, que aos vinte e poucos anos comandou a primeira frota que viajou do Maranhão até a Patagônia, desenhando a costa do Brasil, fazendo-lhe o perfil e nominando os acidentes geográficos: cabos, rios e enseadas.

Para salvar os aborígenes do fogo do inferno, os colonizadores ergueram cruzes na praia para o rito da missa. Depois de vencerem a solidão do mar, o sal, o vento, os uivos da tormenta, tiveram que enfrentar a selva, o sertão, a escarpa, a solidão da terra e a seta envenenada nas tocaias.

*O tacape partidor de cabeças, a flecha, a embira/ e o espeto do moquém/ tocaiavam por toda parte/ não detiveram os passos do povoador./ (Invenção do Mar, Canto Quinto, sexta estrofe).*

Depois que se descobriram as primeiras riquezas do Brasil, o pau-brasil e a cana de açúcar, foi preciso lutar contra os invasores. *“Afia as unhas o carcará de Holanda/ mercadores sem pátria armam a frota e em busca/ de trezentos e sessenta e três engenhos de açúcar alvo/ vinte e seis velas, quinhentas bocas de fogo/ emergem da neblina”.* (Invenção do Mar, Canto Sétimo, III).

*“O holandês honrou a bravura dos guerreiros nossos”*. Depois da guerra de Holanda, combate precursor da história militar do Ocidente, os desbravadores do interior do país fundaram Minas Gerais e o Rio Grande do Sul. Mas o Nordeste do Brasil existiu antes dessa gente toda. Ouro Preto começava como espectro de povoado em 1748. As primeiras lavras de minas de Ouro Preto eram de 1711, portanto do séc. XVIII. Os nordestinos já estavam no Brasil desde o século XVI, mais de 200 anos antes dos mineiros.

Por que poeta oracular? E absoluto? Disse ele a respeito do poeta e da poesia:

*“A poesia é a única categoria humana exercitada menos no ato de fazer poemas do que na forma de conviver com as coisas, os lugares e as pessoas. O poeta é um santo mártir, no sentido etimológico da palavra (quer dizer testemunha), mas o poeta também é um endemoniado, as duas coisas para lá de todas as medidas. A força e o segredo do poeta está em escrever a palavra inesperada.”*

*“A poesia é o belo”, segundo Benedetto Croce. Isso ele cita das leituras do Tratado de Estética. É “l’espressione riuscita”, lograda, “reussite”. O poeta falava assim, citando palavras em idiomas estrangeiros.*

A expressão poética se faz através do conhecimento mago ou intuitivo. O conhecimento lógico nos dá o conceito da coisa. Informa que a mesa é quadrada, é boa, é de madeira etc. O conhecimento mágico é a mesa em si. Tudo o que se disser além da mesa é um pré-conceito. O conhecimento mágico nos dá, além do conceito das coisas, a própria coisa em si, a *“espressione riuscita”* da coisa. E a poesia é a forma na qual a coisa em si é apresentada na ordenação mágica das palavras. *“E a poesia tem essa força de desvelar a pátria e desvendar a verdadeira alma do povo”.*

Gerardo não concordava com a tese de que o desenvolvimento cultural das pessoas esteja vinculado ao desenvolvimento econômico. O capital, aliado à tecnologia, sabe como produzir um bom médico, um bom engenheiro, um bom automóvel, mas não sabe produzir um poeta, um músico, um pintor.

Por influência de Tristão de Ataíde, pela sedutora luz daquela figura carismática que era Alceu de Amoroso Lima, Gerardo aderiu ao pé da letra ao Integralismo.

Em plena 2ª Guerra Mundial, em 1942, o poeta foi preso, acusado de colaborar com nazistas e condenado a 30 anos de prisão, dos quais cumpriu quase seis. Condenado como espião alemão, sem jamais ter espiado nada, e condenado por decreto, fato inédito na história mundial do Direito. Passou cinco anos e onze meses preso.

Ele mesmo reparou a esse respeito:

*“Nas duas ditaduras deste País, fui perseguido, preso e torturado. Em 67, quase até a morte, primeiro como fascista e depois, como comunista. Estou vivo por milagre. O oportunismo revolucionário à esquerda e à direita forçou a catalogação de quem convinha neste ou naquele esquema”.*

Ele, apesar de ter sofrido essa prisão, não renegava o integralismo. Deixou de ser integralista, mas dizia que foi uma experiência válida.

*“O integralismo foi uma experiência cultural, uma aventura moral e espiritual dos melhores brasileiros da minha geração. Haver pertencido ao integralismo é um título que me tem proporcionado os melhores momentos de minha vida social, profissional, política, cultural, cordial e afetuosa. Esse título me tem ajudado muito e constituído motivo de respeito e divulgação de minha obra de escritor.”*

Continua:

*“Insinuem os sacripantas da história e da má fé, pois não havia pena de morte no Brasil à época, nem mesmo no caso do decreto de 1942, que me condenou à prisão perpétua. Nunca houve processo legal contra mim, e o processo do infame Tribunal de Segurança Nacional nunca teve sequer autos judiciais. Nunca fui condenado por nenhuma lei brasileira, nem por qualquer tribunal legalmente constituído, e nunca compareci diante de um juiz para ser julgado. Nem mesmo o infame Tribunal de Segurança ousou me acusar de conspirar contra o Brasil.”*

Ele explica que quem primeiro o acusou foi David Nasser, da revista *O Cruzeiro*, e ele não tem erros políticos a corrigir. Não permitia que ninguém mudasse uma vírgula do seu passado. *“Minha história pessoal é um patrimônio de que muito me orgulho.”*

Na prisão, escreveu o romance *O Valete de Espadas* e o livro de poemas *Cabo das Tormentas*. Na época de sua prisão, Gerardo estava casado com sua primeira mulher, Madalena Conceição Mello Mourão, que morreu no mês em que ele foi liberado. Então ele, ao negar, ao contestar tudo o que era ideologia, inclusive o integralismo, ele prova que nunca foi comunista. Foi preso por comunismo. Se ele foi integralista, não foi nazista.

Vamos ver o depoimento do José, esse biógrafo dele, o

José Luís Lira. Vale a pena citar isso aqui:

*“Sabe-se que na versão não oficial da história, os navios brasileiros foram afundados por submarinos aliados para forçar o Brasil a entrar na 2ª Guerra Mundial, trocando borracha da Amazônia e vidas de milhares de nordestinos por uma siderúrgica no Nordeste.”*

Há histórias oficiais e oficiosas. Cada historiador escreve a história como a vê. Em 1949, Gerardo se casou, em segundas núpcias, com Lea de Barros Carvalho Mello Mourão, mãe de Gonçalo e Antônio José, o Tunga. Tunga era um grande artista plástico. Gonçalo é diplomata, poeta e tradutor do idioma grego.

Gerardo deu uma entrevista ao Victor Emanuel Vilela, publicada na *internet*, em que cita dezenas de grandes astros da sabedoria mundial da literatura que fizeram pacto ou com o nazismo ou com o fascismo. Na Itália, os poetas D’Annunzio, Ungaretti, Marinetti, o teatrólogo Pirandello, foram todos aliados a Mussolini. Disse que Jung foi amicíssimo de Hitler e, aqui no Brasil, coloca Cassiano Ricardo, Gustavo Capanema, até o Villa Lobos, Portinari e Oscar Niemeyer como simpatizantes do integralismo. Certamente, o Niemeyer talvez negasse isso, mas ele colocou aqui.

Então, essa história de ser integralista, de ter sido acusado até de conspirador e tudo o mais, não cabia. Não cabia. Quem conheceu Gerardo, a gentileza, a bondade, a transparência da personalidade do Gerardo sabe que ele jamais seria capaz de atentar contra a vida de alguém. Era um homem finíssimo, delicadíssimo, não tinha nada a ver com nazismo.

O integralismo de Gerardo tinha uma vertente da religião católica. Um dos valores do integralismo era o cristianismo, mas que não havia no fascismo nem no nazismo. Isso é a tese do próprio Gerardo.

Então, eu quero ler os poemas aqui dele. Da *Pavana das Putanas de Copacabana*, das *Três PAVANAS*; um trecho aqui de um livro de 1961, que eu quero comparar com a poesia que vem depois. Ele vem numa crescente evolução.

*"De uma esquina, de outra esquina ,  
do mar da noite, de uma noite e de outra noite,  
do mar da noite desmergulham tantas, a blusa  
subitamente roxa e a saia  
subitamente azul:  
sem chegadas nem partidas  
na aparição das pávidas esquinas  
aparecidas, desaparecidas  
entre emboscada e dança  
inefáveis infantas  
se maceram  
na pavana das putanas de Copacabana.  
Esta de branco, esta de verde, esta de roxo, esta de azul,  
esta de calças amarelas, esta de mãos negras, esta  
de nuca loura, esta  
de primavera na garganta o cigarro na boca e aquela  
de tornozelo triste  
e todas  
na pavana das putanas de Copacabana  
Enumerasse as cidades e as ruas  
E ao nome delas  
Teu rosto respondera:  
foi assim em Florença aquela noite quando  
o lírio boiou nas águas do Arno e as Sabinas  
de onda e lírio  
raptavam os soldados e os turistas:  
Elvira Lopes abra  
da feira de Crateús ao patamar da Igreja dos Teatinos  
de Munich a dança  
da pavana das putanas de Copacabana.  
Esses Teatinos é uma obra de São Caetano, Vicenza, de 1524.  
Bem que amais enumerar o inumerável:  
como rompeis o sono dos catálogos  
a veia das cidades;*

*“Frauen, mein Herr, Kaerntnerstrasse, die Graben,  
Viena”;*

*Por que não sai o Rei Baldouin à Porta de Namur  
e o Rei dos Céus à Porta Saint Denys,  
quando a rosa dos ventos desabrocha nos olhos  
e as que foram perdidas são achadas  
e nos Champs Élisées, no Boulevard des Italiens  
e na Chaussée d’Antins surgem do  
mapa, surgem  
das partituras madrilenhas da Gran Via  
ao ensaio  
da pavana das putas de Copacabana.*

**De Pavana dos Infantes, excerto:**

*Subiam aos meus joelhos e diziam: –*

*- “Pai, naquele dia, entre bandeiras e clarins, tu entravas  
na Plaza de Toros. E depois de trinta verônicas, os olhos  
fulgurando mais do que os bordados de teu traje de toureiro,  
com a mesma espada e o mesmo punho com que teu avô  
atravessava a ilharga dos infieis, atravessaste o coração de um touro”.*

*E como eu lhes dissesse, espantado, que nada disso  
acontecera e tudo não passava de um poema de Olivério Girondo<sup>1</sup>*

*1 Olivério Girondo, poeta argentino, falecido em 66,  
-“claro”- contestaram. De há muito te plagiam os poetas e  
as lendas. Desde o tempo em que as ninfas se entregavam a  
Orfeu e nos bosques da Grécia tua lira chorava entre flautas  
partidas, entre avenas, o pranto da lamentação por Linos<sup>2</sup>*

*2 Linos era o filho de Apolo e Urânia, irmão de Orfeu, professor de Hércules, autor de Canções  
Fúnebres..*

*Não te lembras, então, dos sombreiros na arena, das mantilhas,  
das rosas e da orelha do touro te sangrando entre  
os dedos? E te esqueceste do cravo e da mão que o lançou? Pois  
foi a mesma que te enlaçou a cintura e te levou à alcova e  
Em troca de seu cravo  
lhe plantaste no ventre a rosa de teus filhos.  
Olha para nós!”*

Em *Cânion e Fuga*, em 1999, Gerardo escreve “O que as Sereias dizem a Orfeu na Noite do Mar” (sobre a frase musical de Ivar Frounberg “Was die Sirenen als Odysseus segelte”)

*Ninguém jamais ouviu um canto igual ao canto que te canto escuta: as ondas e os ventos se calaram e a noite e o mar só ouvem minha voz - a noite e o mar e tu marinheiro do mar de rosas verdes:*

*virás: é um leito de rosas e lençóis de jasmim*

*mais o lençol de aromas de meu corpo*

*e dormirás comigo*

*e os que dormem com deusas*

*deuses serão - verás*

*cada arco de minhas curvas*

*à forma de teu corpo moldaremos - e a pele tua*

*aprenderá da minha*

*aroma e maciez e música*

*e entre garganta e nuca aprenderás*

*a noite dos que dormem a aurora dos que acordam*

*sobre os seios das deusas também deuses.*

*Vem dormir comigo e comigo e todas as sereias.*

*Todas as deusas se entregam ao amante que um dia possuiu uma deusa e então todas as fêmeas dos homens Helenas, Briseidas e a Penélope tua hão de implorar às Musas - e as Musas a Eros e Afrodite a volúpia de uma noite contigo.*

*Não partas! se partires as velas de tua nau serão escassas para enxugar-te as lágrimas - e nunca nunca mais tocarás a pele das deusas nunca mais a virilha das fêmeas dos homens*



*e nunca mais serás um deus e nunca mais a melodia de uma canção de amor dos hinos do  
himeneu abelhas mortas para sempre irão morar na pedra do jazigo de cera de teus ouvidos  
cegos.*

*Mas vem e vem dormir comigo e comigo e minhas irmãs e todas as sereias do mar as sereias da  
terra e as sereias dos céus.*

*“Um Poeta”, que também é do livro *Cânon e Fuga*.*

*Hás de testemunhar ruínas  
antes de existirem ruínas:  
engenheiro de troços e destroços  
empreitaras demolições –  
desmoronaste muros.*

*Profeta – risca riscaste riscarás  
roteiros de pássaros no ar – e riscas  
calendários passados e futuros – riscas  
a arquitetura dos escombros  
antes durante e depois deles  
os tempos ouvem ouviram e ouvirão  
esses passos de pedra  
que pisam pisaram pisarão  
rosa, lírio, jasmim e às vezes  
ovelhas imoladas.*

*Maios, janeiros, setembros e os outros meses  
meses azuis e meses pluviais  
te saúdam à beira das falésias à beira-mar à beira-rio  
à beira-abismos à beira séculos:  
piloto do naufrágio  
governador dos tempos tetrarca dos milênios*

*arquivista – tabelião das eras  
só os dias, poeta, e as noites, te conhecem  
sabem teu nome  
e nenhum outro nome.*

Para terminar, vou falar do romance e ainda citar alguns elogios que fizeram a ele. Por exemplo, o Ezra Pound escreveu cartas elogiosas. Disse:

*“Em toda a minha obra, o que tentei foi escrever a epopeia da América. Creio que não consegui. Quem conseguiu foi o poeta de O País dos Mourões.”*

Sobre *Cabo das Tormentas*, disse José Lins do Rêgo:

*“O livro da carne aflita, o canto de uma criatura que sente as belezas da terra e, em vez de se contentar com os deleites dos sentidos, põe-se a cantar como um Salomão, com a cabeça na cinza do borralho. ...”*

Disse Augusto Frederico Schmidt:

*“Não posso deixar passar mais um momento sem transmitir a viva emoção que me deram os seus poemas. É um poeta autêntico... De quantas coisas invisíveis os seus poemas me deram o conhecimento. Estamos, pois, diante de um poeta, cuja obra é tão rara, tão autêntica e tão marcada como suas ásperas raízes no País dos Mourões e a espantosa trajetória de sua existência na Terra, existência pungida de rica e patética aventura e enfurecida beleza humana”.*

Há também um elogio de Carlos Drummond de Andrade, que disse que o maior poeta brasileiro é Gerardo Mello Mourão.

*O Valete de Espadas* é um romance extraordinário. Tristão de Ataíde reconheceu nele “uma alma de abismo”.

*“Tertuliano já dizia que o demônio era “Simius Dei” ... Não me espanta, por isso, que eu tenha confundido uma alma angustiada,*

*em crise, em um livro terrível e por isso mesmo absolutamente fora do comum, com uma alma marcada pelo Anjo rebelde”.*

O livro, em verdade o impressionara, profundamente. Sentira “*cheiro de enxofre nas suas páginas dantescas*”, e não vira que havia “*uma alma em luta contra o Anjo, como Jacó, mas não em sonho, na vigília*”.

No enredo de *O Valete de Espadas* há um discurso unívoco, poético, com linguagem exuberante. O narrador sente e reflete a condição humana.

O personagem desperta, de repente, num bordel com uma prostituta que fala de literatura. Ela cita os clássicos franceses, Dostoievski, episódios da Bíblia. “*Foi com samaritanas, mendigos, vagabundos e leprosos que Jesus fundou sua igreja*”.

O narrador fala de aparições de ninfas dançantes e, de repente, se encontra dentro de um mosteiro. Os noviços se açoitam e gemem. Rafael frequentava noturnamente a cela de Gonçalo. Gonçalo era o personagem principal. O reitor e o padre flagram os dois na cama. O protagonista é expulso do convento.

Encontra-se de repente numa sala de jogos. Ali conhece Jezebel e o Conde de Santa Cruz, jogadores profissionais. O conde tinha feições de cadáver, tinha o dom de adivinhar os números da sorte. Portanto, tinha a alma endemoniada pela certeza. Gonçalo conversa com Jezebel, o discurso dela se radicaliza hermeticamente. Chegam à casa da infância, as velhas tias solteironas moviam-se como aranhas murmurando jaculatórias e balançando uma penca de medalhas. De repente, surge um grupo de conspiradores. Gonçalo trama livrar o povo de um grande chanceler tirano e repugnante. “*Para salvar tudo é preciso perder tudo*”, diz o líder da conspiração, mas Gonçalo se arrepende da sua participação no atentado contra o tirano. Quer fugir e é barrado por conspiradores. O chanceler não morre, mas sim a moça que com ele dançava, uma desconhecida, enquanto os trovões soavam pela cidade. No final, o protagonista é preso quando se encontrava no cais e se transforma

numa carta de baralho, um valete de espadas doce e flexível, um papel de linho de estrangeira fabricação, de armadura azul e escudo de Borgonha.

Gerardo foi correspondente da *Folha de S. Paulo* na China, de 1980 a 1982. Nunca deixou passar nada, nenhum atrevimento de ninguém. Eduardo Portella publicou uma lista dos pretensos 20 poetas brasileiros destinados à sobrevivência neste século, e Gerardo expressou sua indignação. Disse que isso era uma atitude tirânica, autoritária, um intelectual cunhar 20 pessoas que ele considera melhores e desprezar as demais. Então, ele fez uma carta a Eduardo Portella.

Na entrevista que fiz com o Gerardo em 1998, perguntei-lhe sobre a felicidade, se ele era uma pessoa feliz. Ele disse que a felicidade é irrelevante para quem vem ao mundo fundar uma coisa, pois esse é o propósito da vida. Parece sem sentido fazer tal pergunta a um navegante que atravessou tormentas durante meses e foi recebido a flechadas. A alegria interior de estar fundando alguma coisa não tem nada a ver com o conceito burguês comum de felicidade, que é algo como o prazer de trocar um carro, ter várias televisões para assistir a novelas e programas de auditório.

A seu ver, a própria religião cristã não é uma religião de felicidade. É uma religião agônica. O Cristo agoniza perpetuamente até o fim do século, e o homem cristão é aquele que agoniza no Cristo diariamente.

Quando Dante começa sua viagem, vai entrando nas sombras do Inferno, guiado por Virgílio, em busca de entender-se, realizar-se, felicitar-se. Aparece então uma figura de mulher bonita e pergunta a Virgílio quem é esse sujeito que ousa entrar nesses reinos de onde não se volta. Era Beatriz. Virgílio não diz o nome de Dante. Diz apenas: "*Libertà va cercando, ch'è sì cara, come sa chi per lei vita rifiuta.*" Quer dizer, esse é um sujeito que está buscando a liberdade e sabe que é tão cara que até recusa a vida por ela.

A única felicidade possível, a única coisa que nos conforta é, mergulhando no desespero, essa esperança de estar

pré-vivendo a liberdade.

Para algumas pessoas, os místicos que mergulham na fé, a esperança pode tornar-se uma certeza. Santa Tereza dizia “*me muero porque no muero*”. No livro *A Invenção do Saber*, Gerardo afirma que “*o saber não conduz o homem à felicidade paradisíaca, mas ao contrário, o lança no caminho permanente de uma peripécia de perigo, a uma coexistência com a aflição e com a tragédia*”.

Então, esse era o nosso poeta existencialista, carismático, um dos fundadores da nossa organização. De uma erudição enciclopédica e de uma capacidade de expressão extraordinária e impressionante.

Não foi possível falar tudo, porque ficaria umas quatro horas falando a respeito do Gerardo Mello Mourão, tão profundo o homem é na produção do pensamento e da literatura.

Estou muito grato ao Fábio e ao Anderson, especialmente, por ter provocado este encontro, e a todos vocês pela paciência e pelo interesse no assunto.

Eu acho que é uma coisa apaixonante. É controverso, é polêmico e, ao mesmo tempo, provoca um grande entusiasmo, pela figura que ele foi em vida; por esse contraste de ter sido uma pessoa extremamente bondosa, ter sofrido muito a injustiça das instituições políticas e sociais brasileiras, e deixado uma obra impressionante. Fiquei realmente muito regozijado de poder voltar a ler as coisas do Gerardo e meditar a respeito dessa personalidade incrível.

Muito obrigado a vocês.